



Manual de Orientações Básicas para Criação de:
Jiboia (*Boa constrictor*) e Jiboia Arco-íris (*Epicrates spp.*)

Este manual tem como objetivo passar as orientações básicas sobre manejo e manutenção de Jiboias em cativeiro. Outras dúvidas que não sejam respondidas neste texto podem ser esclarecidas pelos contatos abaixo relacionados:

- Camilla Faria (31) 99174-3007 (Tim)  - vendas@jiboiasbrasil.com.br
- Viviane Ferreira (31) 4141-7671 / (31) 3592-1929 (Oi)  - contato@jiboiasbrasil.com.br

IMPORTANTE

Soltar animais na natureza sem a devida permissão do órgão ambiental é crime e está sujeito a multa! Caso não tenha mais interesse em criar o seu animal, a Jiboias Brasil Ltda se compromete a recebê-lo de volta sem ônus para a empresa.

Introdução

Desde o início de nossa história, os Répteis sempre fascinaram (e também “aterrorizaram”) os seres humanos. Existem lendas e relatos sobre a inter-relação do homem com o réptil que datam de milhares de anos. Para exemplificarmos, basta lembrarmos-nos das histórias contidas na Bíblia (a serpente que ofertou o fruto proibido para Adão e Eva), ou da serpente que matou Cleópatra, a Rainha do Egito. Tais histórias, na maioria das vezes (principalmente na cultura cristã ocidental), transformam injustamente os répteis de uma maneira geral – mas especialmente as serpentes - em seres maléficos, nocivos. Em decorrência disso, até hoje os répteis são tidos como animais repugnantes por grande parte das pessoas.

Por outro lado, na cultura oriental as coisas são bastante diferentes. Na cultura chinesa, por exemplo, o Dragão é tido como um símbolo de sabedoria e a serpente, como emissário de prosperidade e guardião das riquezas. No oriente também surgiram os primeiros Herpetocultores da história, os encantadores de serpentes, alguns os sacerdotes e também alguns curandeiros que mantinham estes répteis para fins cerimoniais ou “farmacêuticos”.

No mundo moderno, a criação de répteis como “hobby” é uma prática relativamente recente se comparada a outras criações, mas vem crescendo de maneira vertiginosa. Hoje, já é considerada a 3ª maior indústria Pet nos Estados Unidos e na Europa, perdendo somente para gatos e cães, tendo superado até as aves.

No Brasil, apesar de muito recente, o mercado “Herpe” vem seguindo esta tendência e cresce muito rapidamente. Os répteis, porém, exigem cuidados bastante distintos daqueles exigidos pelos demais animais domésticos e por isto é fundamental conhecermos a biologia de cada espécie que se pretende criar.

Origem e Evolução

Estima-se, por meio de registros fósseis muito antigos, que a origem dos répteis tenha se dado na época compreendida entre os períodos do Carbonífero e Permiano da Era Paleozoica, de 300 e 250 milhões de anos atrás. Eles em muito ainda se assemelhavam aos anfíbios daquele período, que os precederam. Porém, algumas características deste novo grupo que surgia favoreciam a ocupação do ambiente terrestre permitindo que estes dominassem a Terra na Era Mesozoica, a chamada “Era dos Répteis”.

De uma forma geral, algumas das características que os tornavam mais competitivos frente aos seus antecessores e que são ainda observadas nas espécies de hoje:

- ✓ Respiração pulmonada em todas as fases da vida;
- ✓ Independência da água para reprodução;
- ✓ Ovos com a presença de casca protetora calcária ou a capacidade da viviparidade que é a possibilidade de parir os filhotes vivos;
- ✓ Os filhotes já nascem plenamente formados;
- ✓ Coração dividido em 2 átrios e um ventrículo incompletamente septado (exceto os crocodilianos, com as 4 câmaras completas, porém não completamente separadas);
- ✓ Pele seca e cornificada, geralmente protegidas por escamas ou placa córneas.

Os répteis de hoje são os sobreviventes destes milhões de anos de seleção e habitam praticamente todos os ambientes da Terra, com exceção da Antártica e a calota polar Ártica. Desde as águas oceânicas aos mais tórridos desertos, com o tamanho que varia de poucos centímetros (como alguns geckos) a mais de 07 metros de comprimento (como as enormes Pythons e Sucuris), esses animais magníficos

povoam os mais diversos ambientes e desempenham papéis importantíssimos no ecossistema terrestre.

Enfim, tamanha diversidade envolve uma quantidade enorme de características peculiares de cada espécie e o conhecimento biológico acerca destas características deve ser procurado sempre que se desejar trabalhar com um grupo específico. Nesta área, apesar do grande número de trabalhos existentes, o conhecimento é incipiente, ainda há muito o que se pesquisar.

Biologia

Jiboia (*Boa constrictor*)

As Jiboias são serpentes de dentição áglifa, ou seja, não peçonhentas, e pertencem à família *Boidae*, que engloba as maiores serpentes do mundo. Atualmente estão divididas em 11 subespécies que estão distribuídas do norte da Argentina ao norte do México. Destas, duas ocorrem no Brasil: *Boa constrictor amarali* (Bca) e *Boa constrictor constrictor* (Bcc). A primeira está restrita ao bioma Cerrado, já a segunda ocorre na Amazônia, Caatinga, Restinga e Mata Atlântica do Nordeste e Sudeste.

A *B.c.amarali* (Bca) possui coloração predominante cinza ou marrom, de diferentes intensidades, podendo alguns indivíduos podem ser quase pretos. De um modo geral são menores do que a *B.c.constrictor* (Bcc) e raramente passam dos 2,4 metros.

A *B.c.constrictor* (Bcc) possui coloração bastante variada, havendo desde indivíduos cinza claro até animais marrons bem escuros, oscilando de acordo com a área de ocorrência. Dentre as subespécies, de Jiboia, essa é a que atinge maiores proporções com algumas bibliografias registrando animais de até 4 metros. Normalmente animais com mais de 10 anos de cativeiro ficam entre os 2,5 e 3,0 metros, podendo ultrapassar esta marca, mas raramente atingem os 3,5 metros.

As Jiboias alimentam-se predominantemente de pequenos mamíferos e aves;

na natureza alguns filhotes podem se alimentar de pequenos anfíbios e lagartos também. Em cativeiro devido ao melhor controle sanitário e praticidade é recomendado o uso de pequenos roedores. São vivíparas e podem ter ninhadas de até 80 filhotes, mas em média nascem de 15 á 30 por gestação. O tamanho dos filhotes varia, em média, de 35 a 55 cm e o peso entre 20 á 120 gramas. São animais de hábito crepuscular, noturno e semi-arborícolas, têm expectativa de vida em torno de 25 a 30 anos. O registro de maior longevidade é de 40 anos, 3 meses e 14 dias no Philadelphia Zoological Gardens, nos Estados Unidos.

Jiboia arco-íris ou Salamanta (*Epicrates spp.*)

As serpentes do gênero *Epicrates* que ocorrem no Brasil, popularmente são conhecidas como Jiboia arco-íris, Salamanta ou Jiboia vermelha. Assim como as *Boa constrictor* possuem dentição áglifa e pertencem à família *Boidae*, que engloba as maiores serpentes do mundo. O encontro com esses animais na natureza é muito mais incomum do que com as *Boa Constrictor*, sendo por isso menos conhecidas.

Era reconhecido para o Brasil apenas uma espécie a *Epicrates cenchria*, que até então possuía nove subespécies. Em 2008, Paulo Passos e Ronaldo Fernandes publicaram um artigo revisando toda a espécie e reorganizaram as nove subespécies em cinco espécies, das quais quatro ocorrem no Brasil, são elas: *Epicrates assisi*, *E.crassus*, *E.cenchria* e *E.maurus*.

- Jiboia arco-íris da Caatinga (*Epicrates assisi*) – Endêmica do Brasil, ocorre apenas no bioma Caatinga e pode atingir 1,6 metro. Muito parecida com a *Epicrates crassus*, porém mais rara devido a menor área de distribuição. Muito dócil e pode ser um excelente Pet, indicamos para iniciantes pela facilidade de manejo e tamanho reduzido.

Coloração marrom com ocelos dorsais bem delimitados por uma linha preta que os contorna. Apresenta fusão nos ocelos laterais do primeiro terço do corpo

formando uma linha bem marcada por uma divisão mais clara que contorna os ocelos laterais que são de cor marrom.

- Jiboia arco-íris do Cerrado (*Epicrates crassus*) – Ocorre apenas no bioma Cerrado, em certas áreas do Brasil, Bolívia e Paraguai. Pode atingir 1,6 metro e, dentre todas, é a que mais se assemelha a *Epicrates assisi*. Muito dócil e pode ser um excelente Pet, indicamos para iniciantes pela facilidade de manejo e tamanho reduzido.

Coloração marrom variando de acordo com a região de ocorrência, variando de tons mais claros a marrons escuros próximos ao tom de chocolate. Os ocelos dorsais não são bem delimitados, comumente contornados por uma linha marrom clara seu formato normalmente é irregular. Pode apresentar fusão nos primeiros ocelos laterais porem, poucos ocelos se unem, não formando uma linha bem marcada. Seus ocelos laterais são marrons e não são delimitados por contornos claros.

- Jiboia arco-íris da Amazônia (*Epicrates cenchria*) – Esta espécie é dividida em duas populações, uma na Amazônia (*Epicrates cenchria cenchria*) e outra na Mata Atlântica (*Epicrates cenchria hygrophilus*) que foram sinonimizadas no trabalho de Passos 2008. Para efeito de animais Pet, devido à diferença de coloração, comportamento e características reprodutivas, nós as consideramos como animais distintos. A população da Mata Atlântica é rara e endêmica do Brasil, distribuída naturalmente do norte do Rio de Janeiro até o estado de Pernambuco, ocorrendo também em parte do estado de Minas Gerais. Possui coloração amarela com ocelos dorsais delimitados por linhas pretas e ocelos laterais contornados no topo por marcas brancas. Esta espécie apresenta variação ontogenética, na qual os seus filhotes nascem com coloração cinza e ao longo da vida mudam de cor até o amarelo. A Jiboia arco-íris da Mata Atlântica raramente ultrapassa os 1,8 metros, aceita bem o manuseio e pode ser um excelente Pet, porem recomendamos para criadores comum pouco mais de experiência pois possui algumas peculiaridades na sua manutenção em cativeiro.

A Jiboia arco-íris da Amazônia é a maior delas, podendo ultrapassar os 2,2 metros. É um animal recomendado para quem já tem experiência na manutenção de

serpentes e, apesar de ser mais agressiva do que as demais *Epicrates* brasileiras, também se acostuma com o manuseio e pode ser um excelente Pet se manuseado de forma adequada.

Sua coloração normalmente é roxa ou vermelha, havendo variações de padrões de cor como laranja e preto, com ocelos dorsais contornados por uma linha preta que o delimita e ocelos laterais circulares com uma faixa clara no topo. Algumas linhagens podem apresentar este ocelo lateral todo preenchido de preto (Eclipse), com redução na quantidade de preto presente (Bulleyes) ou ausência de preto (Peral).

As diferenças de coloração e variação ontogenética estão no Banner disponível para download no seguinte sítio eletrônico: www.jiboiasbrasil.com.br.

- Jiboia arco-íris do norte da Amazônia (*Epicrates maurus*) – Esta serpente é rara no Brasil. Ocorre apenas em enclaves de Cerrado na Amazônia e nos países do norte da América do Sul. É muito similar as *Epicrates crassus*, possui coloração marrom escuro, comumente sem marcações dorsais quando adulto. As *E. maurus* costumam apresentar coloração marrom acinzentada na lateral do corpo com ocelos laterais circulares em tons escuros de marrom. Os filhotes apresentam ocelos dorsais bem marcados contornados por linhas marrons. Ocorre nesta espécie variação ontogenética, na qual as marcações dorsais dos filhotes costumam desaparecer nos adultos.

Podendo medir entre 160cm e 190cm, raramente ultrapassa 170cm, seu peso pode alcançar 3kg. Existem algumas populações que apresentam crescimento reduzido atingindo 140cm a 150cm quando adultos. Muito dócil e pode ser um excelente Pet.

- Jiboia arco-íris da Argentina (*Epicrates alvarezi*) – A *E. alvarezi* é rara no mercado Pet Brasileiro. Com coloração marrom escuro, próximo ao chocolate, marcação acinzentada sem o contorno feito por linhas ao redor dos ocelos, ventre claro, na maioria das vezes completamente branco, eventualmente apresenta manchas marrom. Na lateral os ocelos são de tamanhos irregulares com centros em coloração

marrom, contornados por uma linha mais clara que a cor de fundo, meio acinzentada. Dentre todo o complexo E. cenchria, esta espécie é a que menos exibe o furta-cor característico das Jiboias arco-íris. Provavelmente a menor das subespécies de Epicrates cenchria, medindo 100 a 130 cm, normalmente pesa abaixo de 1kg. Muito dócil e pode ser um excelente Pet.

Todas as espécies de Epicrates alimentam-se predominantemente de pequenos mamíferos e aves, na natureza podem se alimentar de pequenos anfíbios, lagartos e ovos de aves. Em cativeiro, devido ao melhor controle sanitário e praticidade é recomendado o uso de pequenos roedores. São vivíparas e podem ter ninhadas de até 35 filhotes, mas em média, nascem de 07 a 20 por gestação. O tamanho dos filhotes varia, em média, de 15 a 50 cm e o peso entre 5 á 50 gramas. São animais de hábito crepuscular, noturno e semi-arborícolas, têm expectativa de vida em torno de 20 a 30 anos.

Criação de serpentes em cativeiro

Para a criação de serpentes como animais de estimação alguns, pontos importantes devem ser melhor detalhados. São eles:

✓ O que se esperar de uma serpente de estimação?

Um dos fatores que mais impulsiona a demanda na criação de serpentes, é a praticidade na sua manutenção comparada com a criação de aves e mamíferos. Uma serpente adulta pode chegar a comer uma vez ao mês, enquanto aves e mamíferos requerem alimentação e cuidados diários. É fato de a interação das serpentes com os seus proprietários é bem menor se comparada a outros animais, mas elas, ao contrário do que muitos pensam, podem sim reconhecer seus donos pelo cheiro e pela forma como eles se habituem a manejá-las.

Todo o misticismo que envolve os répteis fascina e estimula o conhecimento sobre sua biologia, origem e mitos. Quando menos se espera, o proprietário passa a

ser um educador e desmistificador, auxiliando na conservação destes animais que, ainda hoje são mortos indiscriminadamente por falta de conhecimento e crendices populares.

✓ Serpentes podem transmitir alguma doença?

Devido à grande distância evolutiva que separa os répteis dos seres humanos, as doenças que acometem um, praticamente não acometem o outro. Existe toda uma especiação na microbiota destes animais e nos parasitos que os acometem. Dos poucos registros que se tem notícia, podem-se citar alguns casos de Salmonelose em crianças que foram contaminadas após colocarem tartarugas aquáticas na boca. A *Salmonella* é uma bactéria presente na microbiota intestinal dos répteis por isso, deve-se tomar o cuidado de manter o terrário limpo e lavar bem as mãos após sua higienização e após qualquer tipo de contato com as fezes do animal.

Outro ponto importante é sempre manter em dia a vermifugação do seu Pet, que deve ser feita por um veterinário qualificado para isso, pois a administração de medicamentos inapropriados, ou em doses erradas pode levar a sua serpente a óbito.

Não existem relatos de pessoas que contraíram parasitos de répteis, mas de toda forma, oferecer um alimento de qualidade e manter o controle de verminoses com o seu veterinário, eliminam qualquer possibilidade de risco. Entre todos os animais mantidos hoje em dia como Pet's, com toda certeza os répteis são sem dúvida os mais seguros quando o assunto é Zoonose.

✓ Em caso de mordidas?

As mordidas acontecem, em sua grande maioria, por erro de manejo. O maior estímulo para estes animais é o olfato e, durante a alimentação, as serpentes ficam extremamente atentas. No intuito de se alimentarem, podem dar bote ao mínimo movimento. Pode-se afirmar que a imensa maioria das mordidas acontece durante o fornecimento de alimento, portanto essa atividade requer mais atenção. Os dentes das serpentes são bem superficiais e tendem a se quebrar com certa facilidade, nas

serpentes em questão, os mesmos são pequenos e maciços, sem nenhum canal ou sulco com função de conduzir veneno. Em caso de mordidas, alguns dentes do animal podem se partir, o que não traz maiores problemas tanto para o animal quanto para a pessoa mordida. Nesse caso, devemos proceder como se fosse uma farpa de madeira ou algo do gênero: apenas removê-la (com o auxílio de uma pinça, quando necessário). O local da mordida deve ser bem higienizado e deve receber a aplicação de algum antisséptico de uso tópico. Em caso de dúvidas um médico deve ser consultado.

Legislação

Existem diversas leis e normativas que abordam a questão da criação e manejo da fauna silvestre. Quem possui uma serpente ou outro animal silvestre oriundo de criadouro legalizado, deve estar atento à necessidade de sempre levar junto do animal, quando for transportá-lo, a nota fiscal de compra e certificado de origem emitido pelo SISFAUNA, para animais adquiridos após 2015.

Para transportes interestaduais, é necessário de uma Autorização de Transporte, que passou a ser exigida em maio de 2018 com a publicação da Portaria Nº 1.249/2018. A mesma poderá ser emitida pelo IBAMA ou órgão de Meio Ambiente do seu estado. Caso o comprador queira repassar o animal para outra pessoa, este deve realizar a transferência conforme o Artigo 13 da mesma portaria. O texto completo dessa norma e demais relativas ao assunto, podem ser acessados no sítio eletrônico: <http://www.jiboiasbrasil.com.br/content/12-legislacao>.

A serpente em cativeiro

Na manutenção adequada deste réptil em cativeiro, existem fatores básicos e fundamentais que devem ser observados:

1. Alimentação

Em média, enviamos as Jiboias (Bcc e Bca) com idade mínima de dois meses e as Jiboias Arco-íris com idade mínima de quatro meses. Esse período garante que o animal já estará bem adaptado e se alimentando bem. Normalmente, acostumamos todos os animais que serão vendidos a comerem tanto ratos abatidos quanto vivos. No entanto, sugerimos o uso de presas abatidas para uma maior segurança da serpente. Não enviamos nenhum animal que esteja apresentando problemas na alimentação.

O manejo alimentar de animais de estimação deve ter como foco uma vida longa e saudável por isso, não é recomendado a superalimentação visando o crescimento rápido. Diferente dos animais de criação para fins reprodutivos, os animais Pet gastam muito pouca energia e, devido a isso, tendem a ficar obesos se alimentados em demasia. Animais com sobrepeso podem ter comprometidas as funções dos rins, fígado e até coração, podendo inclusive ocasionar o óbito.

O mais seguro para uma boa alimentação é ter como referência o peso do seu animal, assim fica fácil estabelecer um padrão para toda a vida. Como exemplo, um animal adulto e magro deve ser alimentado com base no seu peso e não no seu tamanho. Ele até poderia aguentar uma presa grande, mas não é o recomendado.

Existem balanças com preços muito acessíveis hoje em dia, e a sua utilização é uma ferramenta imprescindível para maior segurança da alimentação do seu animal.

Para animais adultos, sugerimos que a alimentação varie entre 5 e 15% do peso da serpente com intervalo de 20 a 30 dias entre as alimentações.

Para filhotes e jovens, sugerimos que a alimentação varie entre 10 e 20% do peso da serpente com intervalo de 10 a 15 dias entre as alimentações, seguindo as quantidades descritas abaixo por espécie.

Nome Popular	Nome Científico	Frequência	Percentual
Jiboia arco-íris da Caatinga	<i>Epicrates assisi</i>	10 a 15 dias	10 a 15%
Jiboia arco-íris do Cerrado	<i>Epicrates crassus</i>	10 a 15 dias	10 a 15%
Jiboia arco-íris do Cerrado do norte	<i>Epicrates maurus</i>	10 a 15 dias	10 a 15%

Jiboia arco-íris da Argentina	<i>Epicrates alvarezi</i>	10 a 15 dias	10 a 15%
Jiboia arco-íris da Mata Atlântica	<i>Epicrates cenchria hygrophilus</i>	10 a 15 dias	10 a 15%
Jiboia arco-íris da Amazônia	<i>Epicrates cenchria</i>	10 a 15 dias	10 a 20%
Jiboia	<i>Boa c. constrictor</i> , <i>Boa c. occidentalis</i> , <i>Boa c. Amarali</i>	10 a 15 dias	10 a 20%

Observações:

- Recomenda-se não oferecer alimento enquanto o animal estiver em troca de pele;
- Após a alimentação, ficar no mínimo 5 dias sem manusear;
- No caso de oferecer roedores que estavam congelados, certificar-se de que já estejam completamente descongelados;
- Usamos como exemplos Camundongos e Ratos, mas pode ser oferecido qualquer outro roedor, desde que respeitado o peso sugerido.

2. Temperatura

Répteis são animais ectotérmicos, portanto é necessário adequarmos a temperatura de seus recintos de forma a fornecermos uma Zona de Conforto Térmico (ZCT). O princípio básico consiste em fornecer ao animal um gradiente de temperatura dentro do recinto, de forma que este possa buscar o local que naquele momento lhe é mais conveniente. Para fins práticos, o sistema de aquecimento deve ser alocado em um dos cantos do recinto para que, a partir daí a temperatura possa ir declinando até o canto oposto de terrário, onde deverá ser colocado o pote de água.

Existem no mercado, diversos equipamentos adequados para o aquecimento de recintos para répteis. O aquecimento do ambiente pode ser feito com cerâmicas de aquecimento instaladas em *spots* com braços articulados, “pedras aquecidas”, placas de aquecimento, lâmpadas infravermelhas, etc. O termômetro é um equipamento básico para auferirmos as temperaturas no recinto e pode ser utilizado para nos

certificarmos do quanto estamos oferecendo de aquecimento. Os equipamentos citados acima quando comprados de fabricantes de confiança como Zoo Med e da Exo Terra são mais seguros. Muito cuidado ao comprar produtos improvisados, que muitas vezes são oferecidos no mercado, estes podem causar lesões aos animais.

De um modo geral a temperatura do recinto ideal pode variar entre 24 e 31 graus, sendo mais frio durante a noite e mais quente durante o dia. As serpentes são mais sensíveis a altas temperaturas do que a baixas, então muito cuidado ao fornecer aquecimento.

3. Umidade

Para nós que habitamos uma região tropical, a umidade raramente é problema. Somente no final da estação das secas é que podemos verificar índices abaixo de 15% de umidade relativa do ar. De um modo geral, a umidade do recinto deve se situar entre 35 e 60%. O importante é ter consciência de que ambientes muito secos (20% ou menos) podem levar à desidratação excessiva, enquanto ambientes muito úmidos podem favorecer a proliferação de fungos e bactérias no terrário, o que pode levar ao surgimento de doenças nos animais.

A umidade geralmente é mantida em níveis satisfatórios se o terrário possuir um grande vasilhame de água, se possível o recipiente for de tamanho que o animal possa entrar para que tenha opção de entrar na água. Para terrários mais ornamentais existem nebulizadores que produzem um efeito de névoa muito bonito, mas deve-se atentar para que não elevem a umidade em demasia, o que pode ocasionar os problemas já citados. Podemos também utilizar o bom e velho pulverizador de plantas para borrifarmos um pouco de água nos terrários quando isso se fizer necessário.

A principal finalidade da preocupação com a umidade é a hidratação do animal, questão que pode ser resolvida com a troca da água de duas a três vezes por semana ou com a oferta de mais de uma fonte de água no recinto. O recomendável é de que a água seja trocada com intervalos máximos de 5 dias.

4. Troca de pele

Os répteis possuem o corpo revestido por uma camada de queratina, o que possibilitou que esses animais habitassem quase todos os ambientes do globo. Essa camada impermeabiliza o corpo do animal, reduzindo a transpiração pela pele e, consequentemente, o deixando-a mais resistente à perda de água. No entanto, esse fator que não dispensa a oferta constante de água potável no cativeiro. A troca de pele ou ecdise, como é chamada, é um grande indicativo de saúde do animal. Nas serpentes, deve acontecer de forma integral, sem sair em pedaços. A muda em pedaços pode indicar problemas no recinto, ectoparasitos, patologias diversas, desidratação ou manejo inadequado durante este período - especialmente, neste caso, baixa umidade no terrário.

Durante o processo de troca de pele, primeiramente a serpente começa a ficar com um aspecto esbranquiçado, com o corpo e os olhos bem opacos. Posteriormente, a cor do animal vai voltando ao seu aspecto normal, assim como era antes do início da opacidade. A esse fenômeno (volta do aspecto opaco ao normal) dá-se o nome de cura. Após a cura, normalmente dentro de uns dois dias, a serpente efetua a muda. A cor esbranquiçada a que nos referimos se deve à presença de um líquido entre as duas camadas de pele, que conclui a formação da pele nova e a despreza da velha. É recomendado não manusear o animal nesse período, mas caso seja necessário o manuseio, deve-se fazê-lo com cuidado para evitar que a pele se rasgue.

É de importância fundamental monitorar as mudas para observar se não ficam agarrados ao animal pedaços de pele antiga, especialmente nos olhos e na cauda, pois esses resquícios de pele podem secar e estrangular a região afetada. Tal situação pode levar à necrose da área acometida devido à redução da circulação sanguínea. Caso a retenção de pele aconteça, deixar o animal em uma caixa plástica com jornal, papel toalha ou serragem umedecida e encaminhá-lo para um veterinário.

5. Iluminação

A luz desempenha um papel fundamental na vida de quase todos os seres vivos. É

imprescindível para processos biológicos que vão desde a fotossíntese até vários outros ainda mais complexos. Mas temos que lembrar que o excesso de luminosidade também pode ser prejudicial. Não podemos nos esquecer de providenciar um abrigo aos animais para que eles possam evitar a luz sempre que desejarem. Devemos também respeitar o fotoperíodo, ou seja, precisamos proporcionar aos animais períodos de luminosidade e de escuridão assim como eles teriam em seu habitat natural.

As serpentes não necessitam de radiação ultravioleta, como ocorre com as tartarugas e lagartos, que dependem dela para a para fixação de cálcio. Dessa forma, a iluminação do recinto das serpentes tem a função primordial de proporcionar aos animais um correto fotoperíodo, servindo também para a ornamentação e para uma melhor observação dos animais no ambiente cativo por parte de seus proprietários.

6. Recintos

O espaço onde iremos alocar nossos répteis é denominado de recinto. Tais ambientes merecem consideração especial, pois devem fornecer aos seus habitantes , condições necessárias de conforto e subsistência. Mas, para tanto, mais uma vez, é fundamental que conheçamos a biologia da espécie em questão.

Os recintos podem ser classificados como recintos abertos ou recintos fechados. Os recintos abertos são aqueles que ficam sujeitos às variáveis do clima local, como chuvas, variações de temperatura, variações de umidade, variações de luminosidade, dentre outros. Devido à maior dificuldade de se controlar variáveis muito importantes para os reptéis como a temperatura ambiente e a umidade relativa do ar, esse tipo de acomodação dos animais, não é recomendado em parte do país, principalmente em regiões frias, como as de serra. Já os recintos fechados, também denominados de terrários, são aqueles que possibilitam um melhor controle das variáveis que incidem sobre o recinto, sendo por isso os mais indicados em regiões de grandes amplitudes térmicas e variação de umidade, especialmente para os filhotes.

6.1 Dimensões do recinto

Apresentamos abaixo uma tabela com medidas mínimas de recintos sugeridas:

Espécie	Tamanho	Recinto*	Tamanho	Recinto*	Tamanho	Recinto*
Jiboia (Boa spp.)	40 á 100 cm	70 x 40 x 40	100 a 200 cm	120 x 60 x 50	Acima de 200 cm	150 x 60 x 50
Jiboia Arco-íris (Epicrates spp.)	40 á 100 cm	70 x 40 x 40	Acima de 100 cm	100 x 60 x 50	-	-

Recinto* = medidas (Comprimento x Largura x Altura)

6.2 Ventilação do recinto

A ventilação do recinto deve ser controlada a fim de se proporcionar uma boa circulação de ar pelo ambiente, porém há de se ter cuidados com o excesso de corrente de ar, com o intuito de se evitar a perda de calor excessiva, a desidratação e o desconforto dos animais.

6.3 Material de confecção dos recintos

O material com que se vai confeccionar o recinto deve ser de fácil higienização. Neste item, podemos nos estender por muito tempo acerca do melhor material para tal confecção (vidro, plásticos, fibra de vidro, madeira impermeabilizada, MDF, alvenaria, etc.). Todos os materiais apresentam prós e contras, e a sua escolha vai variar de acordo com a disponibilidade de recursos, espaço disponível e o ambiente onde se instalará o recinto.

Na maior parte das vezes, o melhor seria a confecção dos terrários em vidro, MDF ou material plástico. Dentro desse terrário devemos dispor de uma banheira de água do tamanho suficiente para que o animal possa entrar por inteiro nela além de um ponto de aquecimento para proporcionar o gradiente térmico necessário para conforto.

6.4 Substratos, abrigos e ornamentos

O tipo de substrato utilizado para ambientar o recinto deve levar em conta a biologia do animal. Por exemplo: se o animal come geralmente no chão, não devemos colocar areia ou serragem no fundo do recinto, pois esses substratos poderão ser ingeridos junto da comida, podendo ocasionar lesões que levem a estomatites, gastrites entre outros problemas mais sérios, podendo até mesmo levar o animal a óbito. Devemos atentar para que o substrato de fundo não tenha ponta perfurante, superfície cortante ou excessivamente abrasiva, que seja de fácil higienização, que não retenha umidade excessiva e que, de preferência, proporcione conforto térmico. O substrato de fundo poderá variar, podendo ser um simples jornal ou papel toalha a cascalho de seixos rolados e / ou musgos. No caso se optar por utilizar substratos que por acidente o animal possa acabar ingerir junto com o alimento, basta realizar a alimentação em uma caixa plástica de tamanho compatível e depois devolvê-lo ao seu recinto.

Não podemos nos esquecer de providenciarmos um abrigo ou refúgio (popularmente conhecido como toca) onde o animal possa se sentir seguro. Como abrigo, podemos utilizar um vaso de cerâmica emborcado onde deverá ser feita uma abertura de tamanho suficiente a partir da sua borda para que o animal possa entrar. No entanto, deve-se atentar também para que essa abertura não fique demasiadamente grande, de forma que a serpente não se sinta protegida. Pode-se ainda utilizar de vasos ou bacias de plástico. Estes muitas vezes têm o inconveniente de serem menos estáveis em relação aos abrigos de materiais cerâmicos, podendo ser virados pelo animal (devido ao seu menor peso). A localização do abrigo no recinto é de extrema importância pois pode ser determinante no uso ou não pelo animal, evite as extremidades térmicas do recinto (área mais fria e o ponto de aquecimento).

Devemos ter cuidado especial ao escolhermos os galhos que irão ornamentar o recinto, evitando galhos verdes ou que detenham resina em suas cascas, pois são propícios à proliferação de fungos. Devemos também analisar a viabilidade de termos ou não, plantas vivas no recinto. Se optarmos por tê-las, devemos selecioná-las com critério, atentando-nos à sua resistência e adaptação a ambientes fechados e com luminosidade

reduzida. Hoje em dia, existem plantas de plástico muito bem feitas e que se prestam muito bem para essa ornamentação.

6.5 Higienização do recinto

A higiene adequada é um ponto óbvio em qualquer criação, pois como sabemos a falta de higiene predispõe qualquer organismo a diversas moléstias. Porém, os excessos e a falta de conhecimento acerca dos produtos e de técnicas corretas de higienização também podem ser prejudiciais. Há que se ter cuidado com o uso dos desinfetantes, resíduos de produtos de limpeza, etc, pois podem provocar irritações, intoxicações e levar o animal à morte. Portanto, após lavar e desinfetar um recinto e outros materiais é fundamental que sejam muito bem enxaguados para evitar a deposição de resíduos. O melhor meio de desinfecção dos fômites do recinto é o calor, mas este meio só se aplica obviamente a cascalho, pedras, vasos de cerâmica, enfim, materiais que suportem o calor em forno. Os fômites que não podem ser submetidos ao calor, após serem lavados, podem ser desinfetados em soluções de amônia quaternária que deixa pouco resíduo.

7. Cuidados veterinários Profiláticos:

Sempre que houver algum problema com a saúde do animal, ou até mesmo como medida preventiva, é importante buscar auxílio de um médico veterinário especializado no atendimento de répteis para que ele possa examinar adequadamente o seu animal, adotar as medidas de vermifugação e controle terapêutico de eventuais ectoparasitas, além de outras medidas cabíveis conforme cada caso.

Disponibilizamos em nosso site algumas indicações de veterinários especializados em répteis em todo o país, mas deixamos claro que são apenas indicações e que não nos responsabilizamos pelos serviços prestados.